

A AFETIVIDADE COMO ESTRATÉGIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ENSINO SUPERIOR. ODS (4)

Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos.

Eliana Zati Silva (Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG)
Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG)

Resumo

No desenvolvimento do ser humano, a interação entre o cognitivo e a afetividade se dão juntas e gradativamente, elas se integram mesmo quando atuam isoladamente. A afetividade é o estímulo ao movimento do ser humano não podendo estar isolada dos aspectos cognitivos. Estudos, como de Almeida e Mahoney (2012), mostram que os aspectos afetivos e cognitivos se apresentam em unicidade, são indissociáveis e trabalham concomitantemente ao desenvolvimento humano e a aprendizagem. É recente a apreensão da afetividade no contexto do processo educativo. Na história da educação, a dimensão afetiva da aprendizagem é negligenciada há um bom tempo. Atualmente, assume importância a reflexão acerca da relevância da afetividade na prática educacional no ensino superior. A afetividade influencia sobremaneira o engajamento e o desempenho dos estudantes universitários. Diante disso, por meio de uma revisão bibliográfica pautada nos clássicos de referência, como Wallon, Piaget e Vygotsky, juntamente a autores contemporâneos que dialogam com os referidos anteriormente, avigora este trabalho a explorar a importância da afetividade como uma estratégia no processo de ensino aprendizagem na formação acadêmica. Os resultados obtidos desta revisão pontuam que um olhar afetivo dos docentes às demandas dos universitários, sejam elas emocionais e/ou cognitivas, estimula o desejo pela aprendizagem. A ambiência da sala de aula está em constante movimento, por ideias e afetos e, quando a prática pedagógica vem permeada pela afetividade, o docente está demonstrando compreender que os aspectos da dimensão afetiva compõem o desenvolvimento humano atendendo, portanto, ao estudante universitário em sua pluralidade.

Palavras-chave: Afetividade; Ensino Superior; Aprendizagem.

Introdução

O presente trabalho consiste em um recorte da pesquisa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, pelo Centro Universitário do Sul de Minas –



UNIS/MG em andamento que visa analisar a pertinência da afetividade, inserida na relação professor-aluno, como fomento para o processo de ensino e aprendizagem no âmbito do ensino superior.

Várias são as transformações que perpassaram o ensino superior no Brasil nos últimos tempos, isto graças a políticas públicas como: FIES – Fundo de Financiamento Estudantil e o ProUni – Programa Universidade para Todos. São políticas que fomentam o acesso ao ensino superior, da mesma forma incluem e democratizam esta educação.

No entanto, este cenário não exclui problemas enfrentados pelos acadêmicos ingressos na universidade, como: a adaptação ao ambiente; diminuição das disparidades socioeconômicas; entre outros. São questões que podem embotar e/ou não a permanência dos estudantes na universidade (Marques *et al.*, 2024). Frente aos desafios a serem enfrentados apresenta-se um fator para mitigar este cenário, a afetividade inserida na prática docente.

É recente a apreensão da afetividade no contexto do processo ensino aprendizagem. Na história da educação, a dimensão afetiva da aprendizagem é negligenciada há um bom tempo. A concepção dualista do sujeito perdurou por séculos, entendendo o sujeito como aquele que pensa separadamente do que sente. No contexto do desenvolvimento humano o cognitivo do sujeito é enfatizado em detrimento do afetivo. Contudo, afetivo e cognitivo estão intrinsecamente ligados ao processo do desenvolvimento humano. O afeto não se faz menos importante que a razão. Ao pensar a educação de crianças a afetividade se apresenta mais inerente ao processo, o mesmo não ocorre quando a questão é o adulto (Gomes e Surh, 2012).

Atualmente, assume importância a reflexão acerca da relevância da afetividade na prática educacional no ensino superior. Mas, o ensino tradicional pautado apenas em aulas expositivas ainda é recorrente nas salas de aula dificultando assim, práticas pedagógicas permeadas pela dimensão afetiva, afirma Gatti (2020). Portanto, mesmo sendo um aspecto valioso no processo educacional, a afetividade parece encontrar dificuldades de apropriação docente e espaço nas práticas pedagógicas com vistas ao aprimoramento da aprendizagem no ensino superior (Lima e Lopes, 2022). Quando



se debate sobre competência pedagógica o caminho precisa ser trilhado pela integração da afetividade na prática docente, afirmam Almeida e Mahoney (2007).

Um recorte possível evidencia, portanto, “a compreensão de que os sujeitos são seres sociais com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas, mas também sujeitos a condicionantes e estruturas” (Silva, Ribeiro e Calil, 2019, p.446). Nesse sentido, entendemos o quão importante é interagir para aprender.

Diante do exposto, faz-se necessário, neste cenário, elaborar metodologias de ensino que sejam eficientes e concernentes no atendimento a diversidade do alunado universitário, garantindo seu engajamento ao processo de ensino-aprendizagem, continuidade e sucesso na sua graduação. No enfrentamento a este desafio, a relação professor-estudante pautada na afetividade, apresenta-se pertinente, uma vez que proporciona um espaço seguro e prazeroso para as trocas, contribuindo sobremaneira ao aprendizado discente (Marques *et al.*, 2024).

Isto posto, avigora esta revisão explorar a importância da afetividade como fomento ao processo de ensino aprendizagem no âmbito do ensino superior.

O presente trabalho está organizado em cinco seções, iniciando por essa introdução. Segue-se de uma revisão de literatura, o método utilizado, os resultados e discussão, finalizando com as considerações finais.

Revisão da literatura

A proposta dessa seção é trazer alguns teóricos que discutem temáticas alusivas a esse trabalho, como a influência da afetividade no processo educativo, no âmbito do ensino superior, e o quanto isso impacta o desempenho acadêmico dos estudantes. Também o fim da dicotomia entre afetivo-cognitivo, compreendendo o sujeito em sua pluralidade, apresentando a dimensão afetiva como protagonista na construção quer seja da pessoa quanto do seu conhecimento. Pontuando ainda, que esse desenvolvimento humano ocorre das relações interpessoais estabelecidas com o outro e com o meio.

Para tanto, faz-se uma prévia divisão desta Revisão de Literatura em dois tópicos, dispostos da seguinte forma: a afetividade como estratégia no processo de ensino e aprendizagem e, a afetividade e o ensino superior.



A afetividade como estratégia no processo de ensino e aprendizagem

O desenvolvimento humano integra cognitivo e a afetividade (Ulian, 2020). Ou seja, “o afeto é um componente de nosso psiquismo que tem responsabilidade na maneira de sentir e perceber a realidade. A afetividade é então, o fragmento psíquico responsável pelo significado sentimental de tudo que vivemos” (Ulian, 2020, p.108).

De acordo com Almeida e Mahoney (2007), Wallon traz significativas contribuições para a compreensão da importância da dimensão afetiva no processo educativo. Ainda, segundo as autoras, a afetividade para Wallon “refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (Almeida e Mahoney, 2007, p.17). São os sentimentos, a paixão e as emoções que compõem a afetividade, que indicam como o sujeito é afetado tanto pelo mundo externo quanto interno. E esta afetação é o que move seu corpo e seu intelecto (Lima e Lopes, 2022; Almeida e Mahoney, 2007).

A afetividade para Piaget, afirma La Taille (2019), é uma “energia” que motiva as ações. O interesse por algum objeto de estudo cria a motivação para ação. Comunga ao supracitado Marques *et al.* (2024), também sinalizando a afetividade em Piaget, pontua que a afetividade é o “motor” que fomenta a aprendizagem, sendo relevante ao desenvolvimento do comprometimento e interesse. Esse interesse motiva o estudante na busca pelo entendimento e absorção da informação transformando-a em aprendizagem.

A afetividade influencia demasiadamente o desenvolvimento humano e o processo de aprendizagem do sujeito. Farias, Kolling e Jung (2020) apresentam algumas razões para pautar esta influência, como: a estratégia pedagógica utilizada pelo docente em suas ações; fomenta o desejo e a motivação para aprender; influencia o desenvolvimento cognitivo; e, possibilita a interação com os pares, com o docente, proporcionando vínculos afetivos. O desenvolvimento humano ocorre na interação do ser humano com outros e com o meio, afirmam Wallon e Vygotsky, citados por Farias, Kolling e Jung (2020).

Nas reflexões iniciais, relacionadas ao estudo da importância da afetividade ao desenvolvimento humano, já era tratada a relevância dos relacionamentos



interpessoais e afetivos na construção de habilidades e competências (Marques *et al.*, 2024). Habilidades e competências essas que pautadas nas teias cognitivo-afetivo são relevantes para transmutar as informações na aprendizagem (Almeida e Mahoney, 2007).

Vygotsky apresenta a dimensão afetiva e cognitiva inseparáveis ao desenvolvimento humano. Para ele, as emoções e o pensamento são correlatos e a afetividade auxilia ao intelecto e ao comportamento humano (Marques *et al.*, 2024). O ser humano é visto em sua totalidade, portanto, afetivo e cognitivo são dimensões inseparáveis (Oliveira, 2019).

Na direção dos estudos de Vygotsky, entende-se a importância das relações afetivas relacionadas ao desenvolvimento humano, e ligadas às funções da memória, do pensamento, do aprendizado, das emoções, das ações e da formação de personalidade. Vygotsky (1996) relacionou a afetividade aos nossos pensamentos, de forma a unificar o cognitivo e o afetivo e afirmando que a maneira de pensar que temos “junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa” (Vygotsky, 1996, p.57).

Piaget, conforme afirma Nogueira (2012), também rompe com a dicotomia afetivo/cognitivo, para ele são indissociáveis. É imperioso a dimensão afetiva ao aprendizado humano no âmbito sociocultural, uma vez que estamos cotidianamente nos relacionando. Sendo assim, concernente a aprendizagem, é de suma importância que os relacionamentos interpessoais sejam positivos para otimizar a aprendizagem.

A construção do conhecimento para Vygotsky, sinaliza Nogueira (2012, p.52), perpassa pela “experiência pessoal, concreta e cotidiana e o elaborado na sala de aula, denominado conceito científico”. Na concepção de Vygotsky, continua a autora, é importante ter ciência do conhecimento prévio que o estudante já possui e o que precisa aprender; perceber a sala de aula como um espaço de inúmeras possibilidades para interações e aprendizado; e, o papel do docente como o mediador no processo de ensino e aprendizagem.



É importante o docente compreender a relevância da dimensão afetiva inserida em sua prática pedagógica. Não é superestimar o aspecto afetivo, mas, entender o quão as relações interpessoais pautadas pela afetividade podem gerar um clima favorável em sala de aula e, por conseguinte, se aproximar mais de uma aprendizagem que dialogue com a realidade a qual o estudante esteja inserido (Nogueira, 2012).

É crucial que o docente tenha um olhar de acolhimento ao estudante universitário em sua pluralidade, em toda sua dimensão afetiva. A teoria walloniana, sinaliza Almeida (2012), sublinha o aproveitamento de cada fase do desenvolvimento humano, desta forma, é preponderante a utilização de métodos diversificados pelo professor ao atendimento a cada ciclo de formação.

No tocante à formação do jovem-adulto, Almeida e Mahoney (2012, p.18) destacam Wallon, “o adulto tem maiores recursos de expressão de sentimentos: observa, reflete antes de agir, sabe onde e como expressá-los, traduz intelectualmente seus motivos e circunstâncias”. Assim, entende-se que o jovem-adulto tem uma vida mais equilibrada considerando suas maiores possibilidades para adequar a afetividade e a cognição.

Esse contexto provoca a uma reflexão mais profunda sobre a inclusão da afetividade no processo de ensino aprendizagem. Afinal, conforme os vários autores supracitados, os sujeitos, neste caso professor e estudante, são movidos tanto pelos aspectos cognitivos quanto afetivos, afetando-os positiva ou negativamente e interferindo em sua (s) aprendizagem.

Nessa relação dialógica professor-estudante a afetividade é relevante para o desenvolvimento cognitivo, da mesma forma, para estabelecer relações interpessoais mais substanciais ao processo educativo, em especial, ora aqui tratado, no ensino superior, que será apresentado a seguir.

A afetividade e o ensino superior

É sabido sobre a relevância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem. São vários estudos, publicações e discussões acerca da temática, mas, na esfera escolar com crianças e adolescentes. O mesmo não ocorre no âmbito



do ensino superior. Acredita-se que o jovem adulto, quando de seu ingresso na universidade já está pronto ao enfrentamento de todos os desafios da ambiência acadêmica, não apresentando, portanto, dificuldades no desenvolvimento de sua aprendizagem (Blando *et al.*, 2023).

É digno de nota, que a crença nessa maturidade não isenta alguns desafios enfrentados pelos estudantes acadêmicos que são inerentes a esse nível de ensino. Inicialmente, tem-se o afastamento do círculo familiar, dificuldades de adaptação (Rosa e Rosa, 2023), o novo ritmo de estudos, uma nova percepção de mundo, maturidade no convívio social, maior comprometimento com o curso e a profissão futura (Soares *et al.*, 2016), frustração com a disciplina ou ainda com a grade do curso, experiências ruins no estágio, vida acadêmica e pessoal incompatíveis, desmotivação no cumprimento das tarefas, dificuldades no relacionamento com professores e colegas, entre outros (Blando *et al.*, 2023).

Em estudo acerca da afetividade no ensino superior, Ulian (2020) destaca que parece caber ao estudante prestar atenção às aulas e cumprir com suas tarefas, inviabilizando as trocas afetivas. Ainda para a autora, os vínculos afetivos estabelecidos no ensino superior são relevantes, considerando o momento em que o aluno se encontra em definição de carreira. O próprio ambiente universitário é um espaço em que o estudante tem liberdade para expor suas ideias, trocar com os pares, manter a criticidade e, por conseguinte, se mostrar mais implicado com a disciplina. Nesse cenário o comportamento docente pode influenciar tanto positiva como negativamente o desenvolvimento afetivo e cognitivo dos estudantes. O sentimento expresso pelo professor é o que irá reverberar no aluno. Portanto, o respeito às ideias, opiniões, a compreensão, são fatores que perpassam as trocas afetivas.

Para as autoras Rosa e Rosa (2023), a afetividade cumpre um papel essencial no processo de ensino e aprendizagem no ensino superior e, a relação professor-estudante é preponderante neste cenário. Afirmam ainda que a mediação docente está particularmente atrelada a afetividade, influenciando a motivação e engajamento dos alunos.

Essa mediação, seja positiva e/ou negativa, é relevante na maneira como os estudantes interagem com os conteúdos, dessa forma, essa intervenção do professor



irá repercutir nos resultados da aprendizagem. Essa mediação docente, pautadas na dimensão afetiva, perpassa atitudes de aproximação ao estudante (Lima e Lopes, 2022).

O processo educativo, no ensino superior, é eficaz quando o docente tem ciência do seu papel de facilitador do pensamento criativo, crítico dos estudantes, tornando ambos, transformadores da realidade vigente. Lecionar não está atrelado apenas ao domínio de práticas pedagógicas diversificadas, mas, a um “olhar afetivo” do professor para com o discente, o motivando e orientando a uma postura consciente frente ao cumprimento das atividades no ensino superior. Da mesma forma, o estudante universitário precisa se ater aos seus compromissos e responsabilidades nesse processo (Nogueira e Suhr, 2012).

Corroborando ao supracitado Ulian (2020), ao afirmar que cabe ao professor não apenas ministrar o conteúdo e/ou auxiliar nas atividades, mas também, facilitar o desenvolvimento do estudante enquanto pessoa. O docente no ensino superior, além de facilitador na construção do conhecimento, necessita de um olhar mais sensível ao alunado para reconhecer as suas reais necessidades.

O professor afetivo com seus discentes estimula a motivação para a aprendizagem. Ele torna-se não apenas aquele que transfere conteúdos, mas, um parceiro do aluno na construção do seu conhecimento. O estudante percebe que pode contar com o docente (Porto e Santos, 2018). Essa parceria “implica novos saberes e atitudes que possibilitem integrar, no processo de aprendizagem das disciplinas, os aspectos cognitivo e afetivo”, afirmam Porto e Santos (2018, p.207).

Para Marques *et al.* (2024), a afetividade é fundamental ao processo cognitivo e para a formação de relacionamentos interpessoais mais vultuosos no ensino superior. O vínculo afetivo inserido nas relações entre professor-estudante é concernente ao empenho dos acadêmicos junto ao curso, igualmente, à sua profissão futura.

A ambiência da sala de aula está em constante movimento, por ideias e afetos e, quando o professor cria condições pautadas na afetividade isso proporciona ao acadêmico melhor desenvolvimento na esfera cognitiva, haja vista a próxima relação entre afeto e cognição (Lima e Lopes, 2022).



Nessa linha de que o professor precisa criar um ambiente afetivo vem de encontro a motivação necessária ao universitário no processo de sua aprendizagem. O estudante pode, por exemplo, não se interessar por todos os conteúdos apresentados na grade curricular, assim, o desempenho docente pode propiciar espaços motivacionais (Nogueira e Suhr, 2012).

Em suma, são vários os autores que corroboram ao fato da importância do papel docente na criação de um ambiente afetivo, com práticas pedagógicas que atendam a diversidade do alunado universitário e, conforme sinalizado por Lima e Lopes (2022), que o docente se aproprie da afetividade no ensino superior para que os vínculos estabelecidos entre professor-estudante sejam concernentes ao desenvolvimento da aprendizagem discente. As mesmas autoras afirmam, que tratar a dimensão afetiva no ensino superior traz uma reflexão ao docente da necessidade de movimentos que sejam concernentes a relações interpessoais pautadas pela afetividade, contribuindo ao processo de ensino aprendizagem.

A afetividade se faz necessária ao processo educativo. Nos relacionamentos afetivos, em parte estimulada pelo docente, é possível constatar um ambiente de acolhimento, de respeito às diversidades (Rosa e Rosa, 2023). Pela afetividade, o ser humano se desenvolve intelectualmente e socialmente. A aprendizagem é facilitada quando pautada pela dimensão afetiva (Farias, Kolling e Jung, 2020).

Assim, a relevância da afetividade no ensino superior pressupõe entender os aspectos da dimensão afetiva como preponderantes ao atendimento das demandas dos acadêmicos concernente ao seu desenvolvimento cognitivo. O estudante precisa estar ciente do que aprende e para tal faz-se necessário imputar significado a aprendizagem, portanto, condições precisam ser instigadas para esse movimento (Lima e Lopes, 2022).

Método

A metodologia adotada é uma revisão bibliográfica. Inicialmente, foram delimitados os portais de buscas para a revisão, bem como, os termos utilizados para as referidas buscas. O critério de definição dos termos pautou-se em leituras preliminares concernentes ao tema.



Isto posto, foram utilizados descritores como “ensino superior”, “afetividade”, “relação professor-aluno”, utilizando-se do operador booleano “and” entre os termos. Salienta-se que os termos ora se agregaram na pesquisa, ora foram tratados isoladamente. A coleta de dados foi realizada em bases acadêmicas com Scielo, Google Acadêmico, Portal de Periódicos da Capes.

Assim, a revisão bibliográfica está fundamentada em teóricos clássicos como Piaget, Vygotsky e Wallon, traduzidos por Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira e Heloysa Dantas, respectivamente. Destaca-se ainda, Laurinda Ramalho de Almeida, Abigail Alvarenga Mahoney e Makeliny Oliveira Gomes Nogueira, aliados a outros estudos contemporâneos pertinentes ao tema.

Resultados e discussão

O presente estudo, em andamento, vale a ressalva, analisa a relevância da afetividade como estratégia no processo de ensino e aprendizagem na educação superior. Mesmo que parcialmente, alguns pontos já são significativos a esta pesquisa e serão sintetizados, nesta discussão.

Inicia-se com a pontuação de Ulian (2020), que traz a afetividade como o estímulo ao movimento do ser humano não podendo estar isolada dos aspectos cognitivos.

Piaget, por sua vez, apresenta a afetividade como o motor, a energia que impulsiona as ações, onde o interesse por algum objeto de estudo cria essa motivação, em outras palavras, a afetividade fomenta a aprendizagem, uma vez que instiga o estudante na busca pela compreensão e absorção da informação transformando-a em conhecimento (La Taille, 2019 e Marques *et al.*, 2024).

Vygotsky destaca as dimensões afetivas e cognitivas como elementos inseparáveis ao desenvolvimento humano, onde o pensamento e as emoções são correlatos e a afetividade auxilia ao intelecto e ao comportamento humano (Marques *et al.*, 2024). Em tempo, seja para Wallon ou Vygotsky, o desenvolvimento humano ocorre na interação do ser humano com o meio e com os outros (Farias, Kolling e Jung, 2020).



Para Wallon, no tocante à formação do jovem-adulto, este possui maiores possibilidades para adequar a afetividade e a cognição, uma vez que possui maiores recursos de expressão dos sentimentos (Almeida e Mahoney, 2012).

No tocante a afetividade no ensino superior, ela cumpre um papel essencial no processo da educação e, a relação professor-estudante é preponderante a este cenário. Esta mediação docente está particularmente atrelada a afetividade, influenciando a motivação e engajamento dos alunos (Rosa e Rosa, 2023).

Os vínculos afetivos estabelecidos no ensino superior são fundamentais, considerando o momento em que o aluno se encontra, em definição de carreira (Ulian, 2020).

São dignas de nota, outras questões que justificam a importância desses vínculos afetivos quando, por exemplo, do ingresso do estudante no ensino superior, como as dificuldades de adaptação, o afastamento do círculo familiar (Rosa e Rosa, 2023), uma nova percepção de mundo, de ritmo de estudos, de comprometimento com o curso, com a profissão almejada (Soares *et al.*, 2016), uma certa decepção com a disciplina e/ou com a matriz curricular do curso, experiências não muito agradáveis no estágio, incompatibilidade entre vida pessoal e acadêmica, desmotivação no cumprimento das tarefas, nos relacionamentos interpessoais (Blando *et al.*, 2023).

Na educação superior, a afetividade é essencial ao processo cognitivo, bem como, a formação de relacionamentos interpessoais mais vultuosos. Os vínculos afetivos inseridos nos relacionamentos entre docentes e estudantes é concernente ao empenho dos acadêmicos junto ao curso e à sua profissão futura, afirmam Marques *et al.* (2024).

O professor quando cria condições permeadas pela afetividade ele proporciona ao acadêmico maiores possibilidades de desenvolvimento na esfera cognitiva, considerando a próxima relação entre cognição e afeto (Lima e Lopes, 2022).

Em suma, essa revisão parcial, já clarifica a relevância da afetividade como estratégia no processo de ensino aprendizagem no âmbito da educação superior. Pressupõe entender os aspectos da dimensão afetiva como cruciais ao atendimento das demandas dos acadêmicos. Este necessita ciência do que aprende e, para esse



fim, faz-se necessário imputar sentido a aprendizagem, assim, condições precisam ser instigadas para esse movimento (Lima e Lopes, 2022).

O ser humano, pela afetividade, se desenvolve intelectualmente e socialmente e, a aprendizagem é otimizada quando pautada pela dimensão afetiva, afirmam Farias, Kolling e Jung (2020).

Considerações Finais

O referente trabalho sondou como os aspectos afetivos no processo educativo instigam o desempenho acadêmico na educação superior. Percebe-se que a relação entre afetividade e cognição se faz presente em várias abordagens. São indissociáveis e trabalham concomitantemente ao desenvolvimento humano e a aprendizagem.

Os estudos revisados mostram que a afetividade influencia sobremaneira o engajamento e o desempenho dos estudantes universitários. Defende-se, portanto, “a importância das relações afetivas [...] às funções da memória, do pensamento, do aprendizado, das emoções, das ações e da formação de personalidade” (Silva, Ribeiro e Calil, 2019, p.447). Entendendo que o “meio social é condição para a construção do indivíduo, aprendendo a lidar com as emoções unindo os pares” (Silva, Ribeiro e Calil, 2019, p.447).

A aprendizagem acontece se está conveniente aos interesses do estudante. Assim, o docente constata a necessidade e procura, através de sua prática, atendê-las. A ambiência da sala de aula é um espaço de convívio cabendo ao professor mediar as relações ali estabelecidas. Isso é salutar à sua prática. E mais, o professor é um modelo para o aluno, por esse motivo, inspira os estudantes em suas crenças, valores, atividades e motivação.

O docente no ensino superior precisar estar atento às necessidades dos estudantes, sejam elas emocionais e/ou cognitivas. O olhar afetivo a essas demandas instiga o desejo pela aprendizagem. Quando o professor insere a afetividade em sua prática pedagógica ele está demonstrando compreender que os aspectos da dimensão afetiva compõem o desenvolvimento humano atendendo, portanto, ao estudante universitário em sua pluralidade. Relações pouco afetivas com os docentes



criam um ambiente de distanciamento, dificultando a aprendizagem. O espaço da sala de aula pautado pelo diálogo e respeito às diversidades tornam o ambiente mais propício e acolhedor e, por conseguinte, uma aprendizagem mais articulada à realidade dos estudantes.

Para considerar, mas, não esgotar os estudos, é relevante destacar Marques *et al.* (2024, p.80) quando assinala que a afetividade “não é uma adição opcional à prática pedagógica, ela é estruturante. Um ambiente educacional que valoriza o vínculo afetivo proporciona segurança emocional, estimula a participação ativa e favorece a construção de competências críticas e autônomas.”

Referências

ALMEIDA, L.R. Wallon e a Educação. In: Henri Wallon: Psicologia e Educação. Edições Loyola. São Paulo, p.71-87, 2012.

ALMEIDA, L.R.; MAHONEY, A.A. A Dimensão Afetiva e o Processo Ensino-Aprendizagem. In: Afetividade e Aprendizagem: Contribuições de Henri Wallon. Edições Loyola. São Paulo, p.15-24, 2012.

ALMEIDA, L.R.; MAHONEY, A.A. Afetividade e Processo Ensino-Aprendizagem: Um Estudo com Professores do Ensino Superior. In: Afetividade e Aprendizagem: Contribuições de Henri Wallon. Edições Loyola. São Paulo, p.151-162, 2012.

BLANDO, A. *et al.* Afetividade na Educação Superior: Um Estudo de Caso. **Revista Brasileira de Educação**, v.28, p. 01-15. 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/tQWt36jPkm9s4PmqDhz5D5m/?lang=pt>> Acesso em: 24 de maio de 2025.

DANTAS, H. A Afetividade e a Construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon. In: Piaget, Vigotski, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão. Editora: Summus. São Paulo, p.131-152, 2019.

FARIAS, P.R.; KOLLING, L.; JUNG, H.S. A Afetividade como Estratégia no Processo de Aprendizagem no Ensino Superior. **Universidade La Salle – Unilasalle**, Canoas-RS. 2020. Disponível em: <<chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/https://svr-net20.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/2878/1/hsjung.pdf>> Acesso em: 23 de maio de 2025.

GATTI, B. Perspectivas da formação de professores para o magistério na educação básica: a relação teoria e prática e o lugar das práticas. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, v. 29, n. 57, jan./mar., p.15-28, 2020. Disponível



em: < <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/8265/5327>> Acesso em: 20 de maio de 2025.

LA TAILLE, Y. Desenvolvimento do Juízo Moral e Afetividade na Teoria de Jean Piaget. In: Piaget, Vigotski, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão. Editora: Summus. São Paulo, p.71-114, 2019.

LIMA, G.F.; LOPES, A.L.S. Afetividade e Aprendizagem Significativa na Educação Superior. **Revista Trama Interdisciplinar**. v.13, n.1, p.94-113, 2022. Disponível em: < <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/15033>> Acesso em: 25 de maio de 2025.

MARQUES, C.M. *et. al.* Afetividade e Vínculos no Ensino Superior: Contribuições para o Processo de Ensino-Aprendizagem e Desenvolvimento Acadêmico. **Revista Caleidoscópio**, São Leopoldo-RS, v.17, n.1, p.72-81. 2025. Disponível em: < <https://ojs.eniac.com.br/index.php/Anais/article/view/1087/995>> Acesso em: 20 de junho de 2025.

NOGUEIRA, M.O.G. Metodologia do Ensino na Educação Superior. Aprendizagem do aluno adulto: Implicações para a prática docente no ensino superior. Editora: Intersaberes. Curitiba:PR. v.4, 2012.

NOGUEIRA, M. O. G.; SUHR, I. R. F. O processo de ensino-aprendizagem do aluno adulto: conceitos importantes. In: Metodologia do Ensino na Educação Superior. Aprendizagem do aluno adulto: Implicações para a prática docente no ensino superior. Editora: Intersaberes, Curitiba-PR, v.4, p.59-83, 2012.

OLIVEIRA, M.K. O Problema da Afetividade em Vigotski. In: Piaget, Vigotski, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão. Editora: Summus. São Paulo, p.115-130. 2019.

PORTO, C.M.; SANTOS, F.M.F. Uma Revisão Bibliográfica da Relação entre Professor e Aluno no Ensino Superior Sob a Ótica da Afetividade, **Revista Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau-SC, v.13, n.1, jan./abr., p.194-211, 2018. Disponível em: < <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/5697/3833>> Acesso em: 09 de abril de 2024.

ROSA, F.M.S.C; ROSA, M.S. A Afetividade e o Processo de Ensino e Aprendizagem no Ensino Superior. **Revista Macambira**, Serrinha-BA, v.7, n.1, jan./dez., p.1-11, 2023. Disponível em: < <https://revista.lapprudes.net/RM/article/view/955>> Acesso em: 23 de maio de 2025.

SILVA, S. F. F. S., RIBEIRO, S. L. S. e CALIL, A. M. G. C. Afeto no trabalho docente com alunos surdo de Ensino Médio. **Cadernos de Educação, Tecnologia e**



Sociedade, v.12, n.4, out./dez., p.446-457, 2019. Disponível em: <<https://brajets.com/brajets/article/view/625>> Acesso em: 19 de setembro de 2024.

SOARES, A.B. *et. al.* Relações Interpessoais na Universidade: O que Pensam os Estudantes da Graduação em Psicologia? **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina-PR, v.7, n.1, jun., p.56-76, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000100005> Acesso em: 09 de abril de 2024.

ULIAN, L.J.P. A Afetividade no Ensino Superior, **Revista Multidisciplinar da FAUESP**, São Paulo, v.2, n.3, jun., p. 105-120, 2020. Disponível em: <<http://revista.faesp.com.br/index.php/Unificada/article/view/41>> Acesso em: 18 de abril de 2024.

VYGOTSKY, L.S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.